

SUJEITOS NULOS E PRONOMINAIS E SUA RELAÇÃO COM TRAÇOS
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DO REFERENTE: UM ESTUDO BASEADO EM
TESTES

NULL AND OVERT PRONOMINAL SUBJECTS AND THEIR RELATION TO
SEMANTIC-PRAGMATIC FEATURES: A TEST-BASED STUDY

Gabriel de Ávila Othero¹

Melissa Giovana Lazzari²

RESUMO: Apresentamos aqui o resultado de três testes que realizamos com o intuito de contrastar a influência dos traços de animacidade e de gênero semântico na realização do sujeito anafórico pronominal de 3ª pessoa do singular em português brasileiro (PB). Coelho et al. (2017) sugerem que o traço de gênero semântico (e não o de animacidade ou de especificidade, cf. Cyrino, Duarte & Kato, 2000, Duarte, 2018) seja o traço relevante para a manifestação do pronome em função de objeto direto e de sujeito. Elaboramos três testes de aceitabilidade de frases em PB em que contrastamos referentes com esses traços, [+gs] e [+a]. Os testes apresentaram limitações por não termos controlado fatores que têm relação com o fenômeno do sujeito nulo, como a relação de c-comando entre referente e sujeito anafórico (cf. Duarte, 2012, 2020, Kato & Duarte, 2014) e a conexão discursiva entre referente e sujeito anafórico (cf. Lazzari, 2020, Paredes Silva, 2003, 2007). Ainda assim, obtivemos resultados que sugerem que o traço de gênero semântico seja relevante na retomada do sujeito anafórico pronominal de 3ª pessoa em PB.

Palavras-Chave: Sujeito pronominal. Sujeito nulo. Gramática do Português Brasileiro.

ABSTRACT: We present the results of three tests we have applied aiming to contrast the influence of two features of the referent, namely animacity and semantic gender, in the realization of the 3rd person singular pronominal and null subject in Brazilian Portuguese (BP). Coelho et al. (2017) suggest that the semantic gender feature (and not that of animation or specificity, cf. Cyrino, Duarte

¹ UFRGS.

² Mestranda, UFRGS.

& Kato, 2000, Duarte, 2018) is the relevant feature for the manifestation of the pronoun as direct object and subject. We proposed three offline tests for sentences in BP in which we contrasted referents with these features, [\pm sem.gd] and [\pm a]. The tests had limitations because we did not control for other factors that are directly related to the null subject phenomenon, such as the c-command relationship between referent and anaphoric subject (cf. Duarte, 2012, 2020, Kato & Duarte, 2014) and the discursive connection between referent and anaphoric subject (cf. Lazzari, 2020, Paredes Silva, 2003, 2007). Even so, we have obtained results that suggest that the semantic gender feature is a relevant feature in 3rd person pronominal anaphoric subject in BP.

Keywords: Pronominal subject. Null subject. Brazilian Portuguese Grammar.

1. INTRODUÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO³

Desde a década de 1990, a retomada anafórica de sujeitos e objetos diretos (OD) nulos e expressos por pronome tem sido objeto de estudo na literatura sobre o português brasileiro (PB). Tarallo (2018[1993]) foi pioneiro ao mostrar que ambos os fenômenos estavam relacionados na história da gramática do PB: nos últimos séculos, temos presenciado o movimento de diminuição de frequência do sujeito nulo e o de aumento na frequência de objetos diretos anafóricos nulos. Ainda nos anos 1990, duas pesquisadoras se destacaram por sistematizar e analisar dados que comprovavam essas tendências, apresentando hipóteses para explicar os gatilhos do fenômeno e apontar as consequências das mudanças: Duarte (1995) trabalha com a mudança do sujeito em PB, e Cyrino (1994/1997) investiga a mudança ocorrida na retomada anafórica pronominal de objeto direto, em especial de 3ª pessoa. Nas últimas décadas, as pesquisadoras seguiram investigando esses fenômenos e vários trabalhos surgiram na esteira de suas propostas pioneiras⁴. Um trabalho que merece destaque é Cyrino, Duarte & Kato (2000), em que as autoras relacionam os dois fenômenos e apresentam

³ Agradecemos aos colegas Luisandro Mendes de Souza, Mônica Rigo Ayres, Pablo Ribeiro e Sergio Menuzzi por terem realizado uma leitura criteriosa de uma versão anterior deste trabalho. Tentamos incorporar, na medida do possível, todos os seus comentários à redação final deste artigo. Os erros e inconsistências que permanecem são de nossa inteira responsabilidade.

⁴ A bibliografia sobre o assunto é vasta. Para um panorama da área, remetemos o leitor a Cyrino & Mattos (2016), Duarte & Figueiredo Silva (2016), Roberts & Kato (2018).

uma hierarquia referencial para a manifestação pronominal: para as autoras, referentes [+humanos] e [+específicos] favoreceriam a retomada anafórica com um pronome, ao passo que referentes não argumentais, proposicionais e [-humanos], mais baixos em sua hierarquia de referencialidade, favoreceriam a retomada por uma categoria vazia (sujeito nulo ou objeto nulo, nos casos estudados), cf. Cyrino, Duarte & Kato (2000: 59).

Um ponto específico da investigação do fenômeno que nos interessa aqui tem relação com o traço [+humano] ou, por consequência, o traço de animacidade do referente. Recentemente, alguns trabalhos apresentaram uma proposta alternativa à proposta de Cyrino (1993/1997) e de Cyrino, Duarte & Kato (2000), que advogam pela relevância dos traços de animacidade (ou [+humano]) e especificidade na manifestação ou não do objeto direto anafórico de 3ª pessoa em PB. Creus e Menuzzi (2004) apresentaram, como hipótese alternativa para explicar a distribuição entre pronomes tônicos (*ele/ela*) e objetos nulos, a hipótese do “gênero semântico”⁵. Para Creus & Menuzzi (2004, p. 152),

a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs [objetos nulos] não diferem significativamente dos PrPls [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e

⁵ O gênero semântico diz respeito ao gênero aparente de seres sexuados. Nesse sentido, como veremos adiante, referentes como *Maria, mulher, João, tia* são animados, humanos e com gênero semântico aparente ([+gs], portanto). Por outro lado, referentes como *testemunha, indivíduo, vítima, pessoa* são animados, humanos e sem gênero semântico aparente ([-gs]). A ideia é que os referentes [-gs] sejam tratados pela “gramática da retomada anafórica pronominal” da mesma forma que referentes não animados (e assexuados), como *livro, carro, escola*, etc.

anteriores sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico.

Como afirmam Othero & Spinelli (2019a: 21):

(...) a hipótese do gênero semântico se baseia meramente na relação de concordância do pronome com seu antecedente. Em sistemas em que temos pronomes de três gêneros (masculino, feminino e neutro, por exemplo), esses pronomes podem retomar seus referentes com base no gênero semântico, tal como vemos em inglês, por exemplo:

3. The boy... he/him...

The girl... she/her...

The dog... it...

Em português, não temos um pronome de “gênero neutro”, mas temos uma categoria vazia não especificada para gênero que pode figurar tanto na função de sujeito quanto de objeto direto, ao menos em PB. Essa categoria vazia parece retomar, justamente, antecedentes sem gênero semântico marcado ([-gs]), ao menos nos casos de retomada anafórica do objeto direto.

Trabalhos recentes parecem confirmar a hipótese do gênero semântico⁶ – ou ao menos apresentar evidências empíricas de que a hipótese pode explicar bem os dados do PB contemporâneo. Nessa esteira, alguns pesquisadores sugeriram que o traço de gênero semântico também estaria relacionado ao sujeito nulo e pronominal de 3ª pessoa⁷, uma vez que o pronome de 3ª pessoa, por ter características nominais⁸, apresentaria efeito de concordância com o referente retomado, à semelhança do objeto anafórico pronominal de 3ª pessoa com os pronomes tônicos *ele/ela*. Se a hipótese estiver correta, o traço de gênero semântico do referente estaria

⁶ Coelho et al. (2017), Othero et al. (2018), Othero & Schwanke (2018), Othero & Goldnadel (2020).

⁷ Cf. Coelho et al. (2017), Othero & Spinelli (2019a, b), Ayres (2021), Othero & Lazzari (2022).

⁸ Esse pronome, assim como os Ns, sofre flexão de número (*ele x eles*), de gênero (*ele x ela*), aceita preposição para seu uso genitivo (*ele x dele*), etc. – cf. Kato et al. (2023) e Othero & Cardozo (2017) para argumentação.

influenciando, assim, tanto a omissão e a expressão do pronome de terceira pessoa na função\posição de objeto direto como na de sujeito⁹.

Contudo, a expressão e a omissão do sujeito da oração estão relacionadas a fatores distintos daqueles a que o objeto está submetido. Afinal, ao contrário do objeto direto do verbo, o sujeito oracional, via de regra, (i) se encontra na posição inicial da oração em PB; (ii) é responsável pela flexão verbal; e (iii) desempenha a função de tópico informacional, iniciando ou mantendo a cadeia tópica ativa. Nenhuma dessas demandas costuma recair sobre o objeto direto em português. Por isso, cabe a advertência de que a relação entre o gênero semântico do antecedente e a omissão ou expressão do pronome quando em função de objeto é mais clara do que a relação desse traço com a expressão ou omissão do sujeito. Certamente, uma explicação que dê conta do fenômeno da manifestação e da omissão do pronome em função/posição de sujeito em PB deve necessariamente levar essas diferentes “demandas” que estão

⁹ O primeiro trabalho a sugerir essa ideia foi provavelmente Coelho et al. (2017: 2615): “O traço de gênero semântico, na verdade, parece atuar não somente sobre o fenômeno da retomada de objeto direto anafórico de 3ª pessoa, mas sobre o fenômeno de retomada anafórica de objeto direto em geral em PB (envolvendo pronomes e ONs, de 1ª, 2ª e 3ª pessoas gramaticais), como sugerem os trabalhos de Schwenter (2006) e Othero et al. (2016) e como tenta mostrar o trabalho de Othero e Spinelli (2017). Se esse for realmente o caso, podemos esperar que esse traço (gênero semântico) esteja por trás, na verdade, da distribuição entre pronomes *versus* elementos vazios não apenas na retomada anafórica de objeto direto, mas também na função de sujeito. Isso nos permitiria chegar a uma generalização interessante: a de que os referentes marcados com gênero semântico favoreceriam o uso de pronomes retos em PB, seja na função de objeto direto, seja na função de sujeito. Isso aconteceria porque o sujeito expresso pronominal e o sujeito nulo parecem estar relacionados às mesmas propriedades dos referentes consideradas, normalmente, como relevantes para o fenômeno do objeto nulo – cf. a hierarquia referencial proposta por Cyrino, Kato e Duarte (2000) (além dos trabalhos de KATO, 1999 e KATO; DUARTE, 2014, por exemplo). Além disso, sabemos, pelo menos desde o trabalho de Tarallo (1983), que há uma relação entre os fenômenos do sujeito nulo e do objeto nulo em PB (estudos diacrônicos mostram que a mudança no sistema pronominal do PB ocasionou a queda do sujeito nulo e o aumento do objeto nulo, cf. OLIVEIRA, 1989; TARALLO, 1983; DUARTE, 1989, 1993, 1995, 2003; BAGNO, 2011; entre outros). Fica aqui nossa sugestão de pesquisa: analisar as ocorrências de *sujeito* nulo e pronominal com base no gênero semântico dos SNs antecedentes”.

em jogo para além do traço semântico do antecedente¹⁰. Ainda assim, *um desses fatores que está em jogo* parece ser, de fato, um traço semântico do referente – seja o traço de animacidade ou o traço de gênero semântico. E aqui, em nosso trabalho, temos como objetivo justamente investigar esses dois traços do antecedente, com a intenção de verificar qual dos dois traços (animacidade ou gênero semântico) é o traço mais relevante na retomada anafórica do sujeito de 3ª pessoa pronominal e nulo.

Como mencionamos anteriormente, outros pesquisadores já relacionaram a hipótese do gênero semântico com a expressão/omissão de pronomes em orações com sujeitos anafóricos. Mas esses foram estudos de análise de *corpora*. Aqui, apresentamos o resultado de um estudo com base em três testes, dois de julgamento de aceitabilidade e um de produção induzida, com o objetivo de contrastar os traços de animacidade e de gênero semântico do referente e sua relação com a omissão e a expressão de sujeitos pronominais de terceira pessoa, como dissemos.

Na próxima seção, apresentaremos a metodologia empregada na concepção e na aplicação dos três testes. Na seção 3, fazemos a discussão dos resultados de cada teste. Finalmente, encerramos o artigo com a seção de Considerações Finais.

2. METODOLOGIA

Elaboramos e aplicamos três testes, um de produção induzida e dois de aceitabilidade¹¹. Para isso, utilizamos a plataforma *Google Forms*; dessa maneira, os participantes puderam realizar os testes de forma autônoma e individual, por meio de seus próprios dispositivos eletrônicos, sem a necessidade da intervenção dos

¹⁰ Ver Paredes Silva (2003), Duarte (2018a, b), Ayres (2021), Ayres & Othero (2021), Kato et al. (2023).

¹¹ Os três testes tiveram aplicação aprovada pelo Conselho de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (CAAE número 58130722.9.0000.5347).

pesquisadores envolvidos neste estudo. Os três testes foram realizados, portanto, de forma *off-line*.

Nos três testes, apresentamos uma sequência de frases-alvo e distratoras, dispostas em ordem randomizada para evitar que o informante percebesse a estrutura de interesse para a coleta de dados. Usamos a proporção de duas distratoras para cada frase-alvo. As frases-alvo foram formuladas para controlar as variantes de interesse da pesquisa e manipular diferentes combinações de traços, em especial os traços [\pm animado] e [\pm gênero semântico], mas também o traço de especificidade, que desempenha papel secundário em relação aos traços de [\pm a] e [\pm gs]. Passemos à descrição dos testes.

2.1 TESTE 1

O primeiro teste foi de produção induzida. A tarefa proposta ao participante foi completar de forma livre e espontânea as frases que se encontravam no formulário, inserindo o texto no campo apropriado. O teste foi composto por 18 frases, incluindo as frases distratoras. Abaixo listamos apenas as nossas frases-alvo:

1. A testemunha chegou exatamente quando _____ .
2. Uma pessoa adulta precisa beber de 2 a 3 litros de água e comer 5 porções de frutas todo dia, assim _____ .
3. O carro acertou a Maria quando _____.
4. Um livro chato é muito desagradável. Especialmente quando _____.
5. O homem encomendou uma pizza porque _____ .

Figura 1: Frases-alvo do Teste 1.

Chamamos de referente-alvo os referentes que nos permitem confrontar as duas hipóteses de retomada anafórica do sujeito. Repare nos referentes que se encontram em (1) e (2): eles têm as propriedades [+a, -gs]: *A testemunha* e *Uma pessoa adulta*. Se encontrarmos mais sujeitos pronominais nas respostas dos informantes em (1) e (2), podemos relacionar esse achado à hipótese da animacidade do referente. Se, caso contrário, encontrarmos mais sujeitos nulos do que pronominais nas respostas, temos um argumento que fortalece a hipótese do gênero semântico na retomada anafórica do sujeito de 3ª pessoa em PB. Por outro lado, em (3) e (4), temos dois referentes [-a] e [-gs] que deveriam favorecer, *a priori*, a retomada com sujeito nulo; em (5) e (6), temos dois referentes [+a] e [+gs], que, de acordo com as duas hipóteses, favoreceriam a retomada por sujeito pronominal. Em todos os casos, o SN da primeira frase do par é [+esp], enquanto o SN da segunda frase é [-esp]¹².

2.2 TESTE 2

O segundo teste foi um teste de aceitabilidade, em que usamos uma escala de magnitude (de zero a dez) para que o informante atribuísse uma nota com base em seu julgamento de aceitabilidade para cada sentença apresentada. A nota zero indica uma frase mal formada e não aceitável, ou seja, uma frase que o falante não usaria para se comunicar, ou que acharia estranha se ouvisse. A nota dez, no outro extremo, representa uma frase perfeitamente bem formada e aceitável na língua, uma frase que não causaria estranhamento. Esse teste contém 42 frases; duas frases com a mesma combinação de traços são apresentadas ao participante de forma randomizada, uma com sujeito exposto e outra com sujeito nulo. Novamente, destacamos a seguir as frases-alvo do teste (os destaques em itálico e o símbolo do elemento vazio não

¹² Lembrando que os informantes receberam as frases em ordem randomizada, entremeadas de estímulos distratores entre as frases-alvo investigadas apresentadas aqui.

constavam no teste; eles foram acrescentados apenas aqui no texto, para dar destaque à parte crítica da frase investigada).

1. A testemunha chegou exatamente quando *ela* foi chamada. Nota: ___
2. A vítima ligou para a polícia quando Ø se sentiu ameaçada. Nota: ___
3. Um indivíduo chato é muito desagradável. Especialmente quando *ele* faz perguntas demais. Nota: ___
4. Uma criança precisa estar na escola desde cedo porque assim Ø se desenvolve mais plenamente. Nota: ___
5. A Maria chegou exatamente quando *ela* foi chamada. Nota: ___
6. O João encomendou uma pizza porque Ø estava com fome. Nota: ___
7. O livro chegou quando *ele* não interessava mais. Nota: ___
8. O carro acertou a Maria quando Ø estava desgovernado. Nota: ___
9. Uma mulher adulta precisa beber de 2 a 3 litros de água e comer 5 porções de frutas todo dia, assim *ela* se mantém mais saudável. Nota: ___
10. Uma tia chata é muito desagradável. Especialmente quando Ø faz perguntas demais. Nota: ___

Figura 2: Frases-alvo do Teste 2.

Nesse teste, as frases se diferenciam justamente pela expressão ou omissão dos pronomes na função de sujeito na retomada dos antecedentes.

2.3 TESTE 3

O terceiro teste também se caracteriza por ter sido um teste de aceitabilidade, mas de julgamento binário: um par de frases foi apresentado ao participante, e sua

tarefa era escolher qual das duas frases no par é mais aceitável ou mais natural, na sua percepção. O que diferencia as duas frases (no caso de um par de frases-alvo) é a forma de realização do sujeito anafórico, se nulo ou se expresso por pronome. Caso o participante ficasse com dúvidas entre qual das duas frases “soava melhor”, havia uma opção para que ele ou ela indicasse as duas frases como igualmente aceitáveis. Abaixo, apresentamos os pares de frases-alvo (com destaques em itálico e elementos vazios representados apenas aqui no texto, novamente, para conveniência do leitor):

1. a. O cônjuge, após o divórcio, perde seu direito porque *ele* deixa de ser beneficiário.
b. O cônjuge, após o divórcio, perde seu direito porque \emptyset deixa de ser beneficiário.
2. a. A vítima ligou para a polícia quando *ela* se sentiu ameaçada.
b. A vítima ligou para a polícia quando \emptyset se sentiu ameaçada.
3. a. Uma criança precisa estar na escola desde cedo porque assim *ela* se desenvolve mais plenamente.
b. Uma criança precisa estar na escola desde cedo porque assim \emptyset se desenvolve mais plenamente.
4. a. Um indivíduo chato é muito desagradável. Especialmente quando *ele* faz perguntas demais.
b. Um indivíduo chato é muito desagradável. Especialmente quando \emptyset faz perguntas demais.
5. a. O João encomendou uma pizza porque *ele* estava com fome.
b. O João encomendou uma pizza porque \emptyset estava com fome.
6. a. A Maria ligou para a polícia quando *ela* se sentiu ameaçada.
b. A Maria ligou para a polícia quando \emptyset se sentiu ameaçada.
7. a. O livro chegou quando *ele* não interessava mais.
b. O livro chegou quando não \emptyset interessava mais.
8. a. O carro acertou a Maria quando *ele* estava desgovernado.
b. O carro acertou a Maria quando \emptyset estava desgovernado.
9. a. Uma tia chata é muito desagradável. Especialmente quando *ela* faz

perguntas demais.

b. Uma tia chata é muito desagradável. Especialmente quando Ø faz perguntas demais.

10. a. Uma mulher adulta precisa beber de 2 a 3 litros de água e comer 5 porções de frutas todo dia, assim *ela* se mantém mais saudável.

b. Uma mulher adulta precisa beber de 2 a 3 litros de água e comer 5 porções de frutas todo dia, assim Ø se mantém mais saudável.

11. a. Um livro chato é muito desagradável. Especialmente quando *ele* é extenso demais.

b. Um livro chato é muito desagradável. Especialmente quando Ø é extenso demais.

12. a. Um carro precisa de manutenção frequentemente porque assim *ele* opera por mais tempo.

b. Um carro precisa de manutenção frequentemente porque assim Ø opera por mais tempo.

Figura 3: Frases-alvo do Teste 3.

Ao contrário do teste anterior, as duas frases apresentam o mesmo SN como referente – o que distingue as frases do par é somente a expressão ou a omissão do pronome na função de sujeito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentamos os resultados dos três testes realizados. Passemos a eles.

3.1 TESTE 1, PRODUÇÃO INDUZIDA

O primeiro teste foi realizado com 114 participantes que receberam a tarefa de completar frases, tal como mostramos na seção 2.1. Entretanto, não pudemos aproveitar todas as respostas, pois, em certas ocasiões, os informantes inseriram um

referente inusitado na frase. Por exemplo, a frase 1 (*A testemunha chegou exatamente quando_____*) foi completada, por um participante, com o trecho *o juiz daria por encerrado o julgamento*. Ou seja, o referente *A testemunha* (nosso referente-alvo aqui para a retomada por elemento vazio ou por pronome) não participou da sequência fornecida pelo participante. Por isso, descartamos todas as respostas que introduziram novos referentes do discurso e mantivemos apenas as respostas que fizeram remissão anafórica a nossos referentes-alvo (*A testemunha, Uma pessoa adulta, etc.*). Vejamos, então, os resultados contabilizados.

Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
106 (93%)	8 (7%)	114 (100%)

Tabela 1: referentes [+a, -gs], *A testemunha – Uma pessoa adulta*.

Os referentes [+a, -gs] favoreceram majoritariamente a retomada com sujeito nulo, contrariando a hipótese de que o traço de animacidade condiciona o sujeito pronominal expresso. Esse resultado, em princípio, sugere que o traço [-gs] é relevante na retomada com sujeito nulo (mas ver ressalvas adiante). O traço de especificidade não demonstrou ser relevante, uma vez que os resultados foram muito parecidos quando analisamos as frases (1) e (2) separadamente:

Referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
<i>A testemunha</i> [+a, -gs, +esp]	13 (100%)	0 (0%)	13 (100%)
<i>Uma pessoa adulta</i> [+a, -gs, -esp]	93 (93%)	8 (7%)	101 (100%)

Tabela 2: referentes [+a, -gs], *A testemunha – Uma pessoa adulta*.

Ambos os referentes [+a, -gs], como vimos, foram retomados majoritariamente por sujeito nulo. No entanto, devemos fazer duas ressalvas aqui: (i) a frase com o referente *A testemunha* não foi bem planejada, como mostram as 101 respostas que recebemos dos informantes que inseriram um novo referente do discurso ao completarem a frase – por isso, contamos com apenas 13 respostas válidas para a frase 1 do Teste 1; (ii) em ambas as frases¹³, o referente-alvo desempenha a função de sujeito na primeira oração; por isso, sua retomada é favorecida por sujeito nulo na oração seguinte (seja por uma restrição estrutural – c-comando entre o SN da oração principal e o SN da subordinada –, seja por uma restrição funcional – a manutenção da cadeia tópica), cf. Duarte (2018), Lazzari (2020), entre outros. Sendo assim, não estamos autorizados a afirmar que a preferência pelo sujeito nulo tenha se dado (exclusivamente) pelo traço [-gs] do referente. Ainda assim, é interessante notar que, ainda que os referentes sejam [+a], encontramos massivamente mais respostas com sujeito nulo do que expresso.

O próximo par de referentes tem as propriedades [-a, -gs], que favorecem a retomada pelo sujeito nulo. E foi exatamente isso que encontramos:

Referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
<i>O carro</i> [+a, -gs, +esp]	11 (100%)	0 (0%)	11 (100%)
<i>Um livro chato</i> [+a, -gs, -esp]	60 (97%)	2 (3%)	62 (100%)

Tabela 3: referentes [-a, -gs], *O carro* – *Um livro chato*.

¹³ Repetidas aqui para conveniência do leitor:

1. [A testemunha] chegou exatamente quando _____.
2. [Uma pessoa adulta] precisa beber de 2 a 3 litros de água e 5 porções de comer frutas todo dia, assim _____.

Aqui também se aplicam as duas ressalvas que apontamos anteriormente: as lacunas permitiram que os informantes completassem as frases introduzindo novos referentes, o que resultou em um número baixo de retomadas com nossos referentes-alvo (11 para *O carro*, 62 para *Um livro chato*); e há uma relação (estrutural e funcional) na retomada do referente-alvo que favorece a retomada por sujeito nulo. De qualquer maneira, repare como o traço [\pm esp] parece novamente não ter qualquer papel para diferenciar os dois tipos de referentes aqui.

Algo que nos chamou a atenção e julgamos que seja interessante notar é que, na frase 3 (*O carro acertou a Maria quando _____*), em que o referente *o carro* era nosso referente-alvo, das 114 respostas que obtivemos, 80 delas continuavam a frase com o referente *a Maria*. Ou seja, os informantes preferiram dar continuidade à frase usando o referente [+a] disponível, ainda que esse estivesse em uma posição de menor “proeminência”, i.e. na função de objeto direto. Esse efeito, que infelizmente ignoramos ao formular essa frase-teste, já havia sido observado por Haag & Othero (2003), em um teste cuja tarefa era completar frases que os autores aplicaram a 30 informantes, com referentes [+a] e [-a]. No entanto, é interessante ressaltar aqui que, das 80 respostas que obtivemos com o referente *a Maria*, todas elas apresentaram o pronome anafórico *ela* – nenhuma continuou com sujeito nulo. Isso pode ser explicado de duas formas (que são complementares e não concorrentes): (i) o referente *a Maria*, sendo [+a] e [+gs] favorece a retomada anafórica por pronome, e (ii) há uma quebra na cadeia tópica: o sujeito da oração anterior (*O carro*) não é o sujeito da oração seguinte, e isso deve ser sinalizado de alguma forma, como, por exemplo, com a introdução de um pronome.

Finalmente, vejamos o último par de referentes, com as propriedades [+a, +gs], que, ao contrário do par anterior, devem, por hipótese, favorecer a retomada com sujeito pronominal.

Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
203 (96%)	9 (4%)	212 (100%)

Tabela 4: Referentes [+a, +gs], *O homem – Uma tia chata*.

Ao contrário do que poderíamos ter esperado – se estivéssemos olhando *exclusivamente* para os traços do referente –, os informantes completaram as frases majoritariamente com sujeitos nulos (96%). Isso se deve, como alertamos acima, à manutenção da cadeia tópica discursiva, que favorece, nesses contextos, a retomada anafórica por sujeito nulo. Aqui, novamente, o traço de especificidade parece não ser relevante:

Referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
<i>O homem</i> [+a, +gs, +esp]	102 (98%)	2 (2%)	104 (100%)
<i>Uma tia chata</i> [+a, +gs, -esp]	101 (93%)	7 (7%)	108 (100%)

Tabela 5: Referentes [+a, +gs], *O homem – Uma tia chata*.

Os resultados do Teste 1 mostraram um amplo favorecimento do sujeito nulo, independentemente dos traços semânticos do referente (se [\pm a], [\pm gs] ou [\pm esp]), o que indica que montamos frases que favorecem a manutenção tópica e a conexão ótima entre referente e elemento anafórico (via de regra, sujeito nulo). Foi interessante, no entanto, o efeito (previsto por Haag & Othero, 2003) que obtivemos na frase 3 do experimento, pois quando o referente atuou como iniciador da cadeia tópica e tinha os traços [+a], [+gs], foi retomado categoricamente por pronome expresso.

Ainda cabe uma última ressalva sobre este experimento: solicitamos que os informantes completassem as frases-teste utilizando a escrita – e não a fala. E sabemos

que a escrita, mais conservadora do que a fala, ainda preserva sujeitos nulos, como efeito da influência escolar (cf. Duarte, 2018). Também aí vemos um fator para o favorecimento de sujeitos nulos nas respostas obtidas através do formulário de pesquisa que aplicamos aos informantes.

3.2 TESTE 2, TESTE DE MAGNITUDE

Realizamos o segundo teste cerca de 30 dias depois do primeiro teste. Nesse teste, contamos com a participação de 105 informantes, que deveriam ler frases em português e atribuir a elas uma nota de zero a dez (0 indicando uma frase incompreensível, 10 indicando uma frase perfeitamente normal e bem formada). Contrastamos aqui frases em que os referentes-alvo eram retomados por sujeito nulo ou por pronome expresso. Como todas as nossas frases-alvo são gramaticais e aceitáveis em português (e, portanto, deveriam, em tese, receber notas altas dos informantes), nos interessou verificar quais frases receberiam as notas mais altas (entre 9 e 10). Por exemplo, nosso primeiro par de contraste foi o seguinte¹⁴: um referente com os traços [+a, -gs] sendo retomado por sujeito nulo e sendo retomado por pronome expresso:

	Número de notas 9-10
<i>A vítima ligou para a polícia quando \emptyset se sentiu ameaçada</i>	93/105 (89%)
<i>A testemunha chegou exatamente quando ela foi chamada</i>	62/105 (59%)

Tabela 6: Referentes [+a, -gs, +esp], notas 9-10 na retomada anafórica por sujeito nulo ou pronome expresso.

¹⁴ Lembramos que, assim como nos demais testes, as frases foram apresentadas aos participantes de forma randomizada, mesclando frases-alvo e frases distratoras. Aqui no texto, agrupamos as frases-alvo para exposição mais clara da análise.

Como dissemos, as frases-alvo são sentenças bem formadas do português. Contudo, trabalhamos com a hipótese de que a retomada anafórica por sujeito nulo ou por pronome expresso pode sugerir diferenças na aceitabilidade das frases. Nesse caso, percebemos que a frase com o referente [+a, -gs] retomado por pronome pleno recebeu um número menor de notas altas (62) do que a frase que tinha o referente com esses traços sendo retomado por sujeito nulo (93). Esse resultado, mais uma vez, contrasta as hipóteses de animacidade e gênero semântico como traços condicionadores do sujeito pronominal expresso e nulo, sugerindo que a hipótese do gênero semântico possa ter papel mais importante na distribuição entre sujeitos nulos e pronominais anafóricos.

Além desse contraste, também apresentamos um par de frases com referentes [+a, -gs, -esp], retomados por sujeito nulo ou pronome. Aqui, no entanto, não obtivemos o mesmo resultado do primeiro contraste.

	Número de notas 9-10
<i>Um indivíduo chato é muito desagradável, especialmente quando ele faz perguntas demais</i>	79/105 (75%)
<i>Uma criança precisa estar na escola desde cedo porque assim \emptyset se desenvolve mais plenamente</i>	61/105 (58%)

Tabela 7: Referentes [+a, -gs, -esp], notas 9-10 na retomada anafórica por sujeito nulo ou pronome expresso.

Como se vê acima, a frase com o antecedente [+a, -gs, -esp] retomado por sujeito pronominal recebeu mais notas altas (79) do que a frase com o antecedente [+a, -gs, -esp] retomado por sujeito nulo – no entanto, como estamos trabalhando apenas com dados quantitativos brutos, não estamos em condição de afirmar que essa diferença seja, de fato, significativa.

O próximo contraste foi feito com referentes [-a, -gs] e suas retomadas por sujeito nulo e pronominal. Dados esses traços do referente, a expectativa era que a

frase com retomada por sujeito nulo recebesse maior número de notas altas do que a frase com retomada pronominal. No entanto, não foi o que encontramos:

Referentes: <i>O livro, O carro, Um livro chato, Uma oficina mecânica</i>	Número de notas 9-10
Retomada por sujeito nulo	118/210 (56%)
Retomada por pronome expesso	119/210 (56%)

Tabela 8: Referentes [-a, -gs], notas 9-10 na retomada anafórica por sujeito nulo ou pronome expesso.

Aqui, em média, as notas não revelaram qualquer tipo de preferência e, muito menos, polaridade. As frases com sujeito nulo e as frases com pronome expesso obtiveram número semelhante de notas altas atribuídas pelos participantes do teste, e o traço de especificidade não exerceu nenhuma diferença.

Finalmente, contrastamos referentes [+a, +gs] sendo retomados por sujeito nulo ou pronome expesso. Dessa vez, a expectativa era que as frases com pronome expesso recebessem um número mais elevado de notas altas. Mas não foi o que encontramos:

Referentes: <i>A Maria, O João, Uma mulher adulta, Uma tia chata</i>	Número de notas 9-10
Retomada por sujeito nulo	162/210 (77%)
Retomada por pronome expesso	136/210 (65%)

Tabela 9: Referentes [+a, +gs], notas 9-10 na retomada anafórica por sujeito nulo ou pronome expesso.

Uma vez mais, não obtivemos resultados polarizados ou sugestivos. Quebrando uma expectativa inicial de que os referentes [+a, +gs] pudessem favorecer a retomada pelo pronome pleno, verificamos que as frases com sujeito nulo que tiveram as notas mais altas foram mais numerosas (162, 54%) do que as contrapartidas com sujeito pronominal (136, 46%). Isso provavelmente aconteceu pelos motivos já mencionados:

por um lado, a escrita valoriza o sujeito nulo, e isso pode estar sendo refletido aqui; por outro lado, as frases-alvo do teste (veja seção 2.2) favorecem o sujeito nulo, seja por sua estrutura formal, em que o antecedente c-comanda o elemento anafórico, seja por conta de sua organização informacional. Passemos ao Teste 3, de contraste direto entre duas estruturas frasais.

3.3 TESTE 3, JULGAMENTO BINÁRIO

Passados outros 30 dias, aplicamos o terceiro teste a outros informantes. Dessa vez, obtivemos respostas de 108 participantes. A tarefa desse teste foi comparar um par de frases que diferem na presença ou ausência do pronome do sujeito. Cada par de frases foi apresentado em conjunto, e o participante foi instruído a escolher, entre as duas opções, a frase que soasse mais natural e aceitável. Se ambas as opções fossem igualmente possíveis, o participante poderia marcar a opção “ambas”. Como nos testes anteriores, apresentamos as frases em ordem randomizada, juntamente com frases distratoras na proporção de 2:1 (cf. seção 2.3).

Apresentamos duas frases com um referente [+a, -gs, +esp] sendo retomado por sujeito nulo e pronominal (*A vítima ligou para a polícia quando (ela) se sentiu ameaçada* e *O cônjuge, após o divórcio, perde o seu direito porque (ele) deixa de ser beneficiário*) e dois pares com um referente [+a, -gs, -esp] igualmente sendo retomado por um sujeito nulo em um caso e por um pronome em outro (*Um indivíduo chato é muito desagradável. Especialmente quando (ele) faz perguntas demais* e *Uma criança precisa estar na escola desde cedo porque assim (ela) se desenvolve mais plenamente*).

Do total de 432 respostas (108 respostas para cada par sendo contrastado), 182 (42%) respostas foram “ambas” – i.e. ambas as opções apresentadas são igualmente bem formadas em português. No entanto, as demais (250 respostas, 58% do total) apontaram que uma opção era melhor do que a outra. É o que mostramos no gráfico 1:

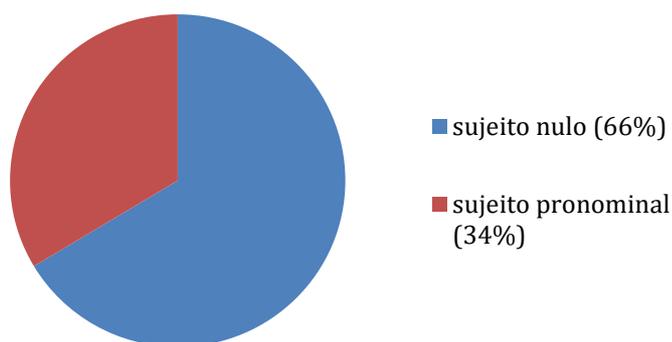


Gráfico 1: Frases com referentes [+a, -gs].

Aqui se percebe uma preferência pela retomada por sujeito nulo, seja por influência do traço de [-gs], seja pelos fatores já mencionados que também favorecem a retomada anafórica do sujeito por elemento vazio. De qualquer maneira, o traço de animacidade não está condicionando a retomada anafórica por pronome pleno nesses casos. E aqui o traço de especificidade teve uma atuação interessante: os referentes [+esp] (*A vítima, O cônjuge*), quando retomados por sujeito nulo, foram amplamente escolhidos em detrimento da opção com o sujeito pronominal. Considerando os números obtidos, 99 informantes (79%) afirmaram que a melhor frase do par era a frase com sujeito nulo, ao passo que a opção com sujeito pronominal foi escolhida por apenas 27 informantes (21%, se considerarmos apenas as respostas para os referentes [+a, +gs, +esp]). Não encontramos esse efeito, de certa forma polarizado, entre os referentes [+a, +gs, -esp] *Um indivíduo chato* e *Uma criança*: nesses pares, os informantes ficaram divididos entre a opção com o sujeito nulo (67 respostas) e com sujeito pronominal (57 respostas).

Testamos, igualmente, quatro pares de frases com referentes [-a, -gs], que *a priori* deveriam favorecer a retomada anafórica por sujeito nulo. E foi isso, de fato, que encontramos, como mostramos no gráfico 2.

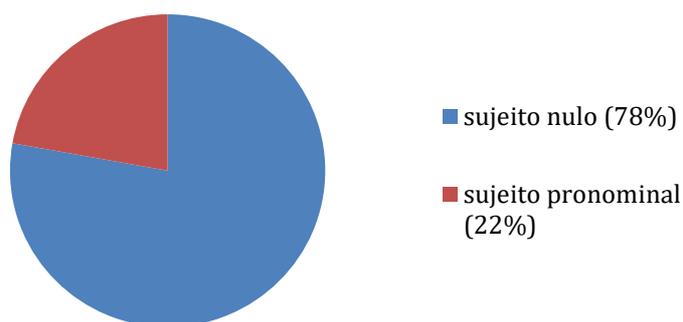


Gráfico 2: Frases com referentes [-a, -gs].

Assim como vimos nos resultados obtidos pela comparação anterior (com referentes [+a, -gs]), a preferência pela retomada por sujeito nulo fica evidente. Mais uma vez, não temos como afirmar se se trata do traço [-gs] que, nos dois casos, favorece o sujeito nulo (repare que o resultado geral foi percentualmente o mesmo, tanto na retomada de referentes como *A vítima*, *O cônjuge*, como no caso de referentes como *O carro*, *O livro*), ou se outros fatores (influência da escrita, manutenção da cadeia tópica, relação de c-comando entre sujeito da oração principal e da subordinada) estejam influenciando a retomada por sujeito nulo. O certo é que, como afirmamos no início do texto (seguindo, por exemplo, Ayres, 2021, Ayres & Othero, 2021, Duarte e Reis, 2018), a retomada anafórica do sujeito é um fenômeno que envolve demandas de diferentes naturezas gramaticais. De qualquer maneira, parece-nos que o traço de gênero semântico é mais relevante do que o de animacidade na compreensão do fenômeno, visto que os referentes [+a], até aqui, não favoreceram a escolha das frases com sujeito pronominal expresso, como poderíamos esperar.

Um último tipo de comparação que realizamos no Teste 3 foi com referentes [+a, +gs] que, *a priori*, deveriam favorecer sujeitos anafóricos pronominais. Ao contrário de nossa expectativa inicial, encontramos um baixo número de sujeitos pronominais, considerando que os referentes são animados e apresentam gênero semântico aparente. Isso se deve aos efeitos não previstos inicialmente por nós e já mencionados

ao longo das seções. Encontramos a seguinte divisão, excluindo-se, do universo total de respostas, as respostas que apontaram as duas frases como igualmente bem formadas em português.

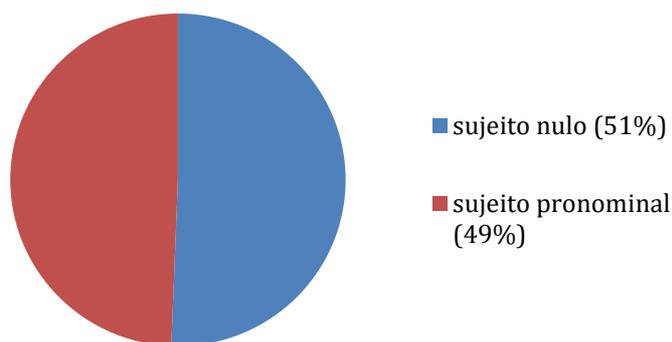


Gráfico 3: Frases com referentes [+a, +gs].

É interessante perceber como a retomada do sujeito é, de fato, um fenômeno que deve atender a diferentes demandas gramaticais e comunicativas. No Gráfico 2, percebemos uma clara preferência pelo sujeito nulo (78%); afinal tanto o fator *traço semântico do referente* ([-a, -gs]), como outros fatores não controlados previamente nesta pesquisa (já mencionados anteriormente) favorecem a retomada anafórica por sujeito nulo nas frases-alvo. Lembre-se de que estamos falando sobre os julgamentos de aceitabilidade de informantes que tinham à sua frente um par de sequências perfeitamente bem formadas da língua (compare, por exemplo, *O carro acertou a Maria quando ele tava desgovernado* vs. *O carro acertou a Maria quando tava desgovernado*). Ainda assim, nesses casos, vimos uma preferência clara pelos sujeitos nulos (78%) em detrimento do sujeito pronominal (22%).

Aqui, no Gráfico 3, praticamente não há diferença quantitativa entre o que o informante julga melhor. Além de um número expressivo de respostas em “ambas as sequências são igualmente bem formadas” (45% do total de respostas), as duas opções apresentaram divisão semelhante (51% sujeitos nulos vs. 49% sujeito

pronominal). Isso mostra que, apesar de os fatores não controlados favorecerem a retomada anafórica com sujeito nulo, podemos pensar que os traços semânticos [+a] ou [+gs] estejam por trás do número mais elevado da preferência por frases com sujeitos pronominais expressos (49%, compare com o resultado do Gráfico 2, apenas 22%). Dito de outro modo, ainda que fatores de outra natureza (influência da escrita, manutenção da cadeia tópica, relação de c-comando entre sujeito da oração principal e da subordinada) favoreçam o sujeito nulo, parece-nos claro que, aqui, no Gráfico 3, em comparação com o Gráfico 2, o traço semântico do referente é um fator que faz a diferença em favor do sujeito pronominal. É o que mostramos no gráfico 4:

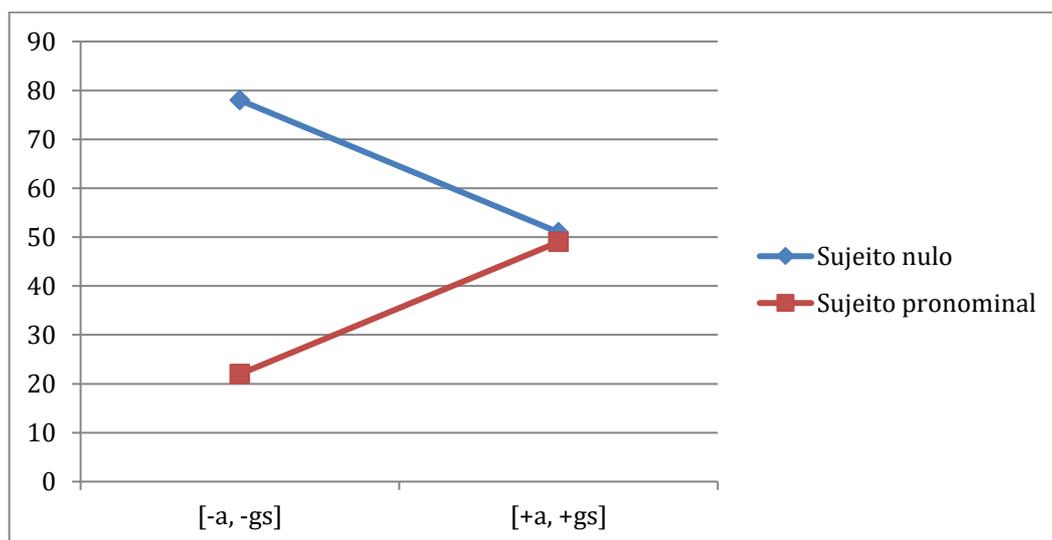


Gráfico 4: sujeitos nulos e pronominais com referentes [-a, -gs] e [+a, +gs].

Nesse comparativo, vemos que as condições não controladas foram mantidas; o que se altera são os traços semânticos do referente. E essa alteração se mostrou relevante para o fenômeno de retomada anafórica do sujeito. Referentes [+a, +gs] favorecem um aumento do sujeito anafórico pronominal.

Dadas essas condições, podemos agora nos perguntar se é a combinação dos traços de animacidade e gênero semântico do referente que é responsável pelo

favorecimento do sujeito pronominal nos contextos investigados ou se podemos explicar os dados analisados com base em apenas um único traço. Em sendo assim, qual seria o traço relevante que estaria favorecendo um aumento na retomada anafórica pronominal?

Para responder esses questionamentos, podemos verificar o resultado que obtivemos no comparativo apresentado no Gráfico 1, em que vimos as preferências de retomada do sujeito em frases com referentes [+a, -gs]. Ali, verificamos um número maior de sujeitos nulos (66% das respostas) do que sujeitos pronominais expressos (apenas 34%). Isso sugere que, na ausência do traço de gênero semântico, o sujeito nulo é amplamente a opção escolhida pelos informantes. Ou seja, parece-nos que o traço de gênero semântico do referente é mais relevante do que o traço de animacidade no fenômeno do sujeito nulo e pronominal anafórico em português. Podemos sintetizar os dados contrastando apenas esses dois traços, animacidade e gênero semântico:

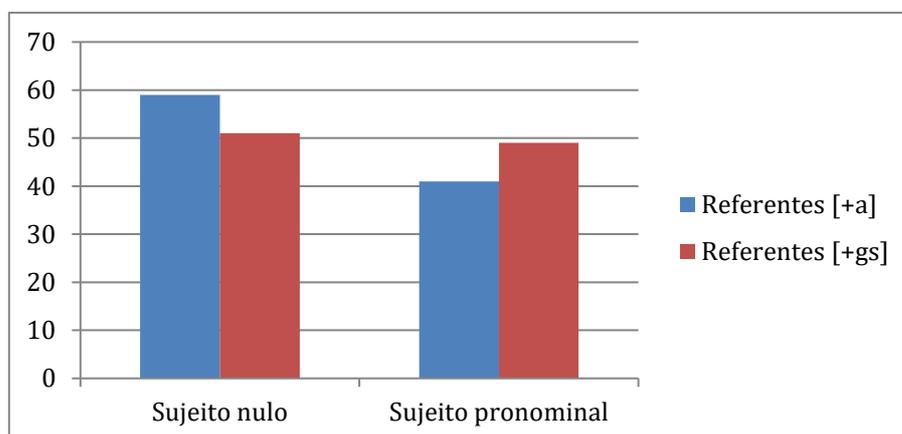


Gráfico 5: Sujeitos nulos e pronominais com referentes [+a] e [+gs].

O primeiro ponto a ser observado é algo que vimos observando desde o início da análise: há um número expressivo de sujeitos nulos, que se devem provavelmente aos fatores não controlados que mencionamos anteriormente. No entanto, também

podemos perceber que os sujeitos pronominais parecem ser mais sensíveis ao traço [+gs] do que ao traço [+a] na comparação direta entre eles. A evidência não é clara, nem categórica, mas não deixa de ser sugestiva. Aliados aos resultados de outros trabalhos sobre a influência do traço de gênero semântico na expressão e omissão do objeto direto anafórico iniciados por Creus & Menuzzi (2004) e na retomada do sujeito anafórico pronominal e nulo iniciados por Othero & Spinelli (2019a, b), os resultados que apresentamos podem sugerir que o traço de gênero semântico é relevante no fenômeno de omissão ou expressão pronominal, ao menos como sujeito anafórico pronominal de 3ª pessoa, como mostramos aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui os resultados de três testes *offline* que aplicamos, cada um, a pouco mais de cem informantes. A ideia básica aqui foi contrastar dois tipos de referentes no que toca sua retomada anafórica na função de sujeito. Elaboramos frases-alvo com referentes humanos animados sem gênero semântico aparente e frases com referentes humanos animados com gênero semântico aparente. Nosso objetivo foi testar a hipótese do gênero semântico, que afirma ser o traço de gênero semântico um dos condicionadores da exponenciação pronominal do sujeito anafórico – com vimos, de acordo com essa hipótese, referentes [+gs] favoreceriam o sujeito pronominal, ao passo que referentes [-gs] favoreceriam sujeitos nulos, em que se estabelece uma relação de concordância entre SN referente e pronome anafórico de 3ª pessoa.

Por limitações na formulação das frases-alvo dos testes e pela natureza mesma dos testes, acabamos encontrando um número não esperado de respostas com sujeitos nulos sendo produzidos (Teste 1) ou até preferidos (Testes 2 e 3). De qualquer maneira, os resultados dos testes sugerem que o traço de gênero semântico é um fator

relevante na distribuição de sujeitos nulos e pronominais em PB, tal como vêm apontando alguns trabalhos de análise em *corpora*.

REFERÊNCIAS

AYRES, M. R. *Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2021.

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Contexts for Null subjects in Contemporary Brazilian Portuguese. *Revista Linguística*, volume 17, número 3, p. 100-124, 2021.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

COELHO, I. L.; OTHERO, G. A.; VIEIRA-PINTO, C. A. Reanálise de variáveis semânticas no condicionamento do objeto nulo e do pronome pleno na fala de Florianópolis. *Fórum Linguístico (UFSC)*, v. 14, n. 4, p. 2606-2617, 2017.

CREUS, S.; MENUZZI, S. Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004.

CYRINO, S. M. L.; MATOS, G. Null objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds) *The handbook of Portuguese linguistics*. Oxford: Blackwell, 2016. p. 294-317.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático diacrônico*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)

CYRINO, S. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. M. (eds) *The handbook of Portuguese Linguistics*. West Sussex: Wiley Blackwell, 2016. p. 234-253.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado, 1995.

DUARTE, M. E. L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. *Cuadernos de la Alfal*, v. 12, p. 71-99, 2020.

- DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo em PB. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. *História do português brasileiro, vol. 6: mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 26-71.
- DUARTE, M. E. L. ReVEL na Escola: sobre pronomes pessoais na fala e na escrita. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, p. 1-12, 2018.
- DUARTE, M. E. L.; REIS, E. P. R. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, p. 173-197, 2018.
- HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. O processamento anafórico: um experimento sobre a resolução de ambigüidades em anáforas pronominais. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, p. 65-80, 2003.
- KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrição na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas (UFJF. Online)*, v. 18, p. 1-21, 2014.
- KATO, M. A.; MARTINS, A. M.; NUNES, J. *Português brasileiro e português europeu: sintaxe comparada*. São Paulo: Contexto, 2023.
- LAZZARI, M. G. Acessibilidade: o que isso tem a ver com o sujeito pronominal expresso e o sujeito nulo em português brasileiro? *Revista Linguística Rio*, v. 7, n.1, ago.-dez., p. 42-58, 2020.
- OLIVEIRA, D. P. O preenchimento, a supressão e a ordem do sujeito e do objeto em sentenças do português do Brasil: um estudo quantitativo. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 51-64.
- OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. *Working Papers em Linguística (UFSC)*, v. 17(1), p. 64-86, 2016.
- OTHERO, G. A.; CARDOZO, R. W. A ordem pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (or There and Back Again, a Word Order's Holiday). *Fórum linguístico (UFSC)*, v. 14, n. 1, p. 1717-1734, 2017.
- OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; ROSITO, R.; ALVES, L. M. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. *Revista da Anpoll*, v. 1, p. 68-89, 2018.
- OTHERO, G. A.; GOLDNADEL, M. Omissão de sujeito pronominal anafórico e as construções de dupla negação. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 62, p. 1-21, 2020.
- OTHERO, G. A.; LAZZARI, M. Null subjects and null objects in Brazilian Portuguese: correlations and change. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, n. 4, p. 1-24, 2022.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem* (UFMG), v. 26, n. 1, p. 147-185, 2018.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado. *Revista Letras* (UFPR), v. 96, p. 174-195, 2017.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito pronominal expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Lingu@gem*, v. 13, n. 1, p. 7-33, 2019a.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 61, n. 1, p. 1-30, 2019b.

PAREDES SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 97-114.

PAREDES SILVA, V. L. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáforas zero em gêneros da fala e da escrita. *Revista Linguística*, v. 3, n. 1, p. 159-178, jun. 2007.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018.
SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: BIRNER, B.; WARD, G. *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*. Amsterdam: Benjamins, 2006. p. 327-344.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018[1993]. p. 55-82.